

RDA está chegando: estamos preparados para esta revolução?

Viene la RDA: ¿estamos preparados para esta revolución?

Adriane Groehs¹ <https://orcid.org/0000-0003-0574-1134>

Ana Maria Pereira² <https://orcid.org/0000-0003-4321-9419>

Julibio David Ardigo³ <https://orcid.org/0000-0002-9114-6229>

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brazil, 60487968034@edu.udesc.br.

² Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brazil, ana.pereira@udesc.br.

³ Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brazil, julibio.ardigo@udesc.br.

RESUMO

Objetivo: O objetivo deste artigo é oferecer informações sobre o cenário do preparo dos docentes das disciplinas voltadas à catalogação em RDA, bem como identificar se os *softwares* de automação de bibliotecas estão oferecendo soluções para a catalogação na nova diretriz.

Método: A pesquisa é aplicada, exploratória, qualitativa/quantitativa e utiliza abordagem de investigação descritiva, com levantamento de dados por meio de 2 questionários *on-line* enviados a 72 docentes de catalogação dos cursos de Biblioteconomia no Brasil e aos desenvolvedores de *softwares*.

Resultado: Foram obtidas respostas de 34 docentes dos cursos de biblioteconomia de IES brasileiras, que ministram as disciplinas voltadas à catalogação. 100% dos docentes conhecem a nova diretriz e boa parte destes reconhece a falta de recursos didáticos e artigos traduzidos. Quanto aos *softwares*, boa parte destes já possibilita a catalogação em RDA.

Conclusões: Os dados obtidos apontam para um cenário positivo, apesar de termos ainda uma longa caminhada na produção de conteúdo científico, de traduções de publicações e de recursos didáticos para o ensino/aprendizagem da RDA. Por fim, a pesquisa mostra que estamos em fase de expansão para uma ampla inclusão do ensino da nova diretriz nos cursos de Biblioteconomia das IES brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: DESCRIÇÃO DE RECURSOS E ACESSO, CATALOGAÇÃO, BIBLIOTECA.

RESUMEN

Objetivo: El objetivo este artículo es ofrecer información sobre el escenario de la preparación de profesores de disciplinas enfocadas a catalogación en RDA, así como identificar si el *software* de automatización de bibliotecas está ofreciendo soluciones para la catalogación en la nueva directriz.

Método: La investigación es aplicada, exploratoria, cualitativa/cuantitativa y utiliza un enfoque de investigación descriptivo, con recolección de datos a través de 2 cuestionarios en línea enviados a profesores de catalogación de cursos de Biblioteconomía y desarrolladores de *software*.

Resultado: Se obtuvieron respuestas de 34 profesores de cursos de biblioteconomía en IES brasileñas, que enseñan disciplinas enfocadas en catalogación. El 100% de los docentes conocen la nueva directriz y la mayoría reconoce la falta de recursos didácticos y artículos traducidos. En cuanto al *software*, la mayoría de estos ya permiten catalogar en RDA.

Conclusiones: Los datos obtenidos apuntan a un escenario positivo, a pesar de que aún queda mucho camino por recorrer en producción de contenidos científicos, traducciones de publicaciones y recursos didácticos para la enseñanza/aprendizaje en RDA. Finalmente, la investigación muestra que estamos en una fase de expansión para una amplia inclusión de enseñanza de la nueva directriz en los cursos de Biblioteconomía en las IES brasileñas.

Palabras Clave: DESCRIPCIÓN DE RECURSOS Y ACCESO, CATALOGACIÓN, BIBLIOTECA.

ABSTRACT

Objective: The objective of this article is to provide information about the scenario of the preparation of professors of disciplines focused on cataloging in RDA, as well as to identify whether library automation software is offering solutions for cataloguing in the new guideline.

Method: The research is applied, exploratory, qualitative/quantitative and uses a descriptive investigation approach, with data collection through 2 online questionnaires sent to professors of cataloguing of Librarianship courses and to software developers.

Result: Responses were obtained from 34 professors of library science courses at Brazilian HEIs, who teach disciplines focused on cataloguing. 100% of teachers are aware of the new guideline and most of them recognize the lack of didactic resources and translated articles. As for the software, most of these already allow cataloguing in RDA.

Conclusions: The data obtained point to a positive scenario, even though we still have a long way to go in the production of scientific content, translations of publications and didactic resources for teaching/learning in RDA. Finally, the research shows that we are in an expansion phase for a broad inclusion of the teaching of the new guideline in Librarianship courses at Brazilian HEIs.

Keywords: RESOURCE DESCRIPTION AND ACCESS, CATALOGUING, LIBRARY.

1 Introdução

A evolução tecnológica impactou o planeta a partir do acesso à *internet*, do desenvolvimento de tecnologias acessíveis para a sociedade, da criação de novas formas de comunicação e do desenvolvimento de novos suportes informacionais.

A oferta e consumo de novas formas de suportes informacionais demandou modernizar a descrição destes novos tipos de recursos. Assim, o *Anglo-American Cataloguing Rules* (AACR), que foi desenvolvido para catalogação de livros, periódicos impressos e demais recursos impressos, recebeu remodelagens. Novas regras foram enxertadas para atender

demandas de documentos digitais e outras mídias, contudo ainda havia limitações quanto a descrição de conteúdo e de suportes eletrônicos que não foram vencidas (Oliver, 2011).

A *Resource Description and Access* (RDA) foi desenvolvida como recurso alternativo para solucionar as dificuldades encontradas na catalogação com o AACR. A nova diretriz foi uma proposta conjunta dos países Estados Unidos da América, Canadá, Austrália e Grã-Bretanha, como solução para as lacunas que surgiram com a catalogação de novas mídias e demais recursos eletrônicos (Oliver, 2011).

Segundo Mostafá, Santarém Segundo, e Sabbag (2016), “[...] a RDA representa um avanço em relação ao AACR, justamente por ser pensada por um viés de uma metodologia baseada na técnica de análise de entidades.” (p. 31).

A implantação da RDA está ocorrendo lentamente e de forma gradativa. Contudo, a ampla implantação e uso da nova diretriz requer várias mudanças e preparativos. Alguns deles baseiam-se na disponibilização de *softwares* de automação de bibliotecas adequados para a catalogação em RDA e que ofereçam ambiente interoperável para interagir com informações advindas de *softwares* de outras bases de dados. E, principalmente, a capacitação de profissionais para poderem catalogar esta informação utilizando a nova diretriz.

O objetivo deste artigo é oferecer informações sobre o cenário do preparo dos docentes das disciplinas de catalogação e representação descritiva para o ensino da catalogação em RDA, bem como explicitar se já existem *softwares* preparados para a catalogação na nova diretriz.

2 Catalogação: evolução e ensino

A RDA demanda uma nova percepção do(a) catalogador(a), que deve catalogar respeitando as diretrizes da catalogação e da unidade de informação, mas que estabeleça as relações entre entidades, além de catalogar visando a atender aos costumes e estratégias utilizadas pelos seus interagentes. A capacitação dos docentes que formarão estes novos bibliotecários e a capacitação dos atuais bibliotecários acostumados a catalogação em AACR2 e demais formatos, ainda é um desafio.

Técnicas e tecnologias estão sendo testadas e desenvolvidas em diferentes países. Países pertencentes ao Comitê para o desenvolvimento da RDA, como Austrália, Canadá, Estados Unidos da América e Grã-Bretanha, estabeleceram estratégias para o preparo dos bibliotecários, com capacitações e acompanhamento da implantação em diferentes bibliotecas, entre estas, várias bibliotecas de instituições de ensino superior como a *Northwestern*

University e rede de bibliotecas da *University of Illinois at Urbana Champaign* (UIUC), nos Estados Unidos, por exemplo (Morris & Wiggins, 2016; Serra, 2020).

O uso da RDA como uma diretriz unificada globalmente demanda que a capacitação sistemática dos professores universitários ocorra e novos catalogadores, com habilidades para a catalogação em RDA, sejam qualificados. Além disso, no contexto tecnológico, é preciso que os desenvolvedores realizem adaptações, atualizações ou desenvolvam novos *softwares* de automação para atender às novas necessidades das bibliotecas e dos usuários. Por conseguinte, é preciso que a implantação da nova diretriz avance, para então poderem usufruir dos benefícios propostos por seus criadores.

Segundo Ortega (2004), a descrição da informação se desenvolveu juntamente com eventos históricos, além de se moldar a partir de “[...] manifestações técnicas, culturais e políticas expressadas sob a forma de interesses distintos [...]” (p.1), que refletiram no desenvolvimento das áreas da Documentação e da Biblioteconomia. Tais efeitos foram mais evidentes na Biblioteconomia nas décadas de 1930 e 1960, com principal protagonismo da Escola de Chicago dos Estados Unidos.

As consequências da Segunda Guerra Mundial, tanto de evolução quanto de reconstrução, e o grande desenvolvimento tecnológico ocorrido a partir dos anos 50 com o surgimento dos computadores figuram como elementos importantes no quadro internacional, influenciando sobre o modo como a ciência e as técnicas relacionadas à organização da informação caminharam em cada cultura. (Ortega, 2004, p. 1).

A partir do advento da *internet*, grandes mudanças acontecem na forma de acesso e consumo da informação. A produção e uso das informações sofrem mudanças profundas que impulsionam a pesquisa, os negócios, as relações entre as pessoas, além de possibilitar crescimento pessoal e entretenimento.

A catalogação enquanto disciplina, a partir da introdução da automação de bibliotecas e da catalogação cooperativa, é vista como atividade burocrática e maçante em alguns países, como por exemplo, os Estados Unidos. Por conseguinte, a disciplina de catalogação é retirada dos currículos em algumas instituições, para serem ministradas em cursos independentes. Conforme Hill (1985) julgava-se que os alunos não tinham interesse em ser “[...] um mero repetidor de registros bibliográficos [...]” e desencorajaram os alunos a seguir a carreira de catalogador, já que, segundo eles, um menor número de catalogadores seria necessário, pois a automação de bibliotecas poderia suprir as demandas (Snow et al., 2018, p.230, tradução nossa).

Desta forma, a catalogação é deixada para ser apreendida na prática, dentro das instituições nas quais o bibliotecário irá trabalhar, já que nos cursos que mantiveram a catalogação, o ensino se restringia a teoria, sem que o aluno exercitasse a catalogação.

A prática anti-catalogação é registrada por catalogadores, que desabafam:

Hill (1985) argumentou que as escolas de biblioteconomia estão de alguma forma transmitindo a impressão de que catalogar é uma ocupação indesejável; que a catalogação é um beco sem saída; que os catalogadores são tímidos, reservados e organizacionalmente invisíveis; que a catalogação é um processo seco, exigente, mecânico e servil que não envolve o exercício do pensamento nem da imaginação; e que catalogação não tem nada a ver com serviço bibliotecário. (Snow et al., 2018, p.230, tradução nossa).

Alguns cursos de catalogação, de universidades estadunidenses, “[...] foram sendo substituídos por cursos de catalogação de metadados da *internet*, que ensinam o registro de recursos da *web*, utilizando padrões não convencionais” (Snow et al., 2018, p.231, tradução nossa). Outro exemplo são os cursos de organização da informação gerais, que deixaram de ensinar padrões e práticas biblioteconômicas.

Evidentemente, estas modificações nos currículos promoveram lacunas que interferem consideravelmente nesse momento em que ocorre a introdução da nova diretriz de catalogação, uma vez que demanda de pessoal capacitado. Neste sentido, a falta de cursos de catalogação retarda o avanço da implantação da RDA.

No Brasil, temos 55 cursos de Biblioteconomia à título de graduação e ensino técnico, em 50 instituições de ensino superior (IES) mapeadas, sendo que em todos os cursos existem disciplinas voltadas para a temática nos seus currículos (Votto et al., 2021; Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições [FEBAB], 2020).

Existem diferenças nas nomenclaturas escolhidas para denominar estas disciplinas, o que altera a abordagem dos seus planos de ensino. Atualmente, são 125 diferentes nomenclaturas estabelecidas para a disciplina, sendo que as principais são: Representação Descritiva, Representação Descritiva (I, II e III), Representação Descritiva da Informação, Catalogação, Catalogação (I, II, III ou 1 e 2) e Catalogação Automatizada (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições [FEBAB], 2020).

A situação do Brasil, quanto à oferta de cursos voltados para a catalogação, se mostra favorável para a formação de bibliotecários aptos para atuar nesta nova realidade, na qual a RDA possivelmente estará presente nos diferentes ambientes informacionais. Assim sendo, basta saber se as IES brasileiras incluirão a nova diretriz em seus planos de ensino.

Da mesma forma, é preciso que as instituições tenham acesso à *softwares* de automação de bibliotecas, já que a RDA foi elaborada para uma realidade tecnológica e voltada para a *web*.

2.1 *Softwares* de Automação de Bibliotecas

A catalogação após o século 20 caminha de forma indissociável das tecnologias que possibilitam a criação e disponibilização de catálogos para acesso à informação contida em seus acervos.

A Catalogação encontra nas tecnologias o suporte indispensável para criação de um canal de comunicação entre usuário e informação. Tal processo integra todas as atividades do ciclo de representação da informação que iniciasse pelo planejamento da estrutura do sistema, atuando na infraestrutura e definição de metadados, até a busca e recuperação de informação via interface do sistema. (Arakaki, Simionato, & Costa, 2017, p.5).

Imaginar bibliotecas escolares, universitárias ou públicas sem o uso das TIC para gerir os seus acervos é inaceitável, seja pelo tempo desperdiçado, seja pela maior precisão dos registros, ou pela possibilidade de acesso a usuários de qualquer lugar do mundo. Neste sentido, conforme Arakaki, Simionato e Costa (2017), “[...] os ambientes digitais constituem de espaços importantes para geração e recuperação de recursos informacionais.” (p.5).

Os *softwares* de automação de bibliotecas possibilitaram a ruptura do acesso físico, permitindo consulta, acesso, reserva e renovação de empréstimos a partir do acesso por diferentes dispositivos e de qualquer lugar, sem precisar estar no espaço físico da biblioteca.

Atualmente, grande parte dos *softwares* de automação são compatíveis com catalogação baseada no formato MARC, para o AACR2. Para auxiliar a Biblioteca do Congresso Americano na tarefa de oferecer fichas catalográficas, desenvolveu-se um formato normalizado para que as bibliotecas pudessem acessar e utilizar os registros ou informações bibliográficas necessárias, o padrão denominado MARC. Segundo Rodrigues e Prudêncio (2009, p.3), “[...] o termo MARC vem da expressão em inglês: *Machine Readable Cataloging*, onde *Machine Readable* (legível por máquina) quer dizer que um computador pode ler e entender os dados de um registro bibliográfico”.

A arquitetura tecnológica permite a interoperabilidade entre *softwares*, contudo cada instituição e acervo possui particularidades que demandam de *softwares* diferenciados. Assim sendo, temos uma imensa diversidade de *softwares* que são elaborados em diferentes linguagens, diferentes formatos e que produzem catálogos variados com arquiteturas tradicionais ou inovadoras, além de oferecer diferentes experiências, para públicos diferenciados (Arakaki, Simionato, & Costa, 2017)

Os *softwares* oferecidos atualmente para automatizar as bibliotecas são diversos e possuem diferentes características para poder atender realidades e particularidades diversas tanto do acervo, como do público que utiliza seus serviços. Quanto às características de aquisição e acesso, os *softwares* podem ser do tipo *software* de código aberto ou livre (*open source software*), *software* gratuito (*free software* ou *freeware*), *software* comercial e *software* proprietário (Zamite & Cardoso, 2014).

O *software* gratuito tem como característica fundamental o custo zero em sua aquisição, possibilitando que bibliotecas sem recursos possam obter um *software* para automatizar seus serviços. Contudo, o *software* gratuito não disponibiliza seu código fonte, inviabilizando modificações ou customizações, sendo apenas permitido sua utilização (Arroyo, Merlo, & Simões, 2022; Zamite & Cardoso, 2014).

A oferta de recurso gratuito democratiza o processo de gestão de acervos e possibilita celeridade no atendimento aos interagentes, além de promover a autonomia na consulta e localização dos itens informacionais (Arroyo, Merlo, & Simões, 2022; Zamite & Cardoso, 2014).

A característica principal dos *softwares* de código aberto é a possibilidade de customização ou modificação do *software*, já que seu código fonte está disponível para “[...] executar, copiar, distribuir, estudar, adaptar, modificar, corrigir e revisar o *software* [...]”, podendo ser adaptado às diferentes realidades. Desta forma, comunidades se juntam para fazer melhorias e atualizações (Arroyo, Merlo, & Simões, 2022, p.127).

De acordo Arroyo, Merlo e Simões (2022) “[...] esses *softwares* são protegidos pelos direitos autorais e a sua licença contém restrições de uso, com o objetivo de preservar seu status de fonte aberta, notas sobre autoria e controle de desenvolvimento” (pp.126-127).

Os *softwares* mapeados a partir de *sites* e relatórios, que se caracterizam por serem gratuitos ou *open source*, estão no quadro abaixo e são de diferentes regiões geográficas do mundo (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Lista dos *softwares open source* mapeados e sua origem

| SOFTWARE GRATUITO/SOFTWARE OPEN SOURCE | | |
|---|----------------|--|
| ALEMANHA | | |
| OS-Biblio | | |
| BRASIL | | |
| ABCD-Brasil | Gnuteca | PHL |
| Biblivre 5.0 | OpenBiblio | COS/ISIS UNESCO |
| ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA | | |
| Biblioteq | Evergreen | Sistema Integrado PMB para Bibliotecas |
| Bookdb | Folio | Vufind: Vila Nova University |
| Data Crow | GC Bibliotecas | |
| URUGUAI | | |
| Open Marco Polo | Catalis | |

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Ainda sobre as características de aquisição e acesso, o *software* pode ser do tipo comercial, o que é determinado por cobrar por sua aquisição e uso. Alguns desenvolvedores se autodeterminam como *freeware*, por oferecerem período de experiência ou teste, mas após este período, passa a cobrar o valor de compra ou mensalidade, o que os caracteriza como *software* comercial, já que o seu desenvolvimento tem o objetivo de obter lucro (Arroyo, Merlo, & Simões, 2022; Rodrigues & Prudêncio, 2009).

Da mesma forma, o *software* proprietário se caracteriza pela cobrança de licença para seu uso e a proibição de acesso ao código fonte, impedindo que seja alterado, aprimorado ou customizado para atender as diferentes demandas dos ambientes informacionais.

Os *softwares* mapeados a partir de *sites* e relatórios, que se caracterizam por serem *softwares* comerciais ou proprietários, estão relacionados no quadro abaixo e suas origens são identificadas. Da mesma forma, é preciso saber se os desenvolvedores de *softwares* de automação de bibliotecas já estão adaptando ou desenvolvendo novos recursos para que os ambientes informacionais possam aderir a nova diretriz de catalogação.

Estas características são relevantes para a pesquisa, já que podem ser determinantes para o desenvolvimento de *softwares* adaptados para nova diretriz, possibilitando que bibliotecas de pequeno, médio ou grande porte consigam participar do processo de implantação da RDA (ver Quadro 2).

Quadro 2: Lista dos *softwares* comerciais/proprietários mapeados e suas origens

| SOFTWARE COMERCIAL/SOFTWARE PROPRIETÁRIO | | | | |
|--|------------------------------|-----------------------|-------------|--|
| ARGENTINA | | | | |
| Campi | Pérgamo (Walyssoft Sistemas) | | | |
| AUSTRÁLIA | | | | |
| Liberty | | | | |
| BÉLGICA | | | | |
| Libreja | | | | |
| BRASIL | | | | |
| Alexandria | Biblioshop | Minibiblio | Pergamum | SÁBIO: Sistema de Automação de Bibliotecas |
| Arches Lib | Biblioteca Fácil | Multiacervo | Sophia | SIBI: Sistema de Bibliotecas |
| Bibliobase | Deltabib Software | Pergamum | | |
| BnWeb | II0Biblioteca | Multiacervo | | |
| CANADÁ | | | | |
| Insignia | Lucidea | Surpass Software | Terentia | |
| CHILE | | | | |
| Horizonte | Philos (Alexia) | | | |
| ESPAÑA | | | | |
| Absysnet | Odilo | | | |
| ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA | | | | |
| Accessit | Bibliofile | Genesis G4 | Mandarin M5 | Sierra |
| Aleph | Bibliovation | Gib | OCLC | Symphony |
| Alma | Carl X | Its MARC | Opals | Veja |
| Apolo | Destiny Library | Koha (Watersolutions) | Polaris | Verso |
| Atrium | Ebibliofile | Library Solution | RDA Express | Virtua |
| ITÁLIA | | | | |
| Sebina | | | | |
| MÉXICO | | | | |
| Janium | | | | |
| NOVA ZELÂNDIA | | | | |
| Greenstone | | | | |
| REINO UNIDO | | | | |
| Simple Little Library System | | | | |

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

3 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa pode ser considerada de natureza aplicada, de abordagem qualitativa/quantitativa, bem como exploratória e descritiva em relação a seu objetivo. Foi realizado levantamento de dados por meio de 2 questionários elaborados no *Google Forms*, acompanhado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esses questionários foram aplicados de forma *on-line*, sendo seus *links* enviados por *e-mail* aos docentes de catalogação dos cursos de Biblioteconomia e para os desenvolvedores de *softwares* de automação de bibliotecas, respectivamente.

Essas ferramentas de coleta de dados foram elaboradas com perguntas estruturadas e semiestruturadas, sendo que o questionário referente à capacitação dos professores continha 15 questões, das quais 6 eram abertas e 9 fechadas (Apêndice A). Já o questionário sobre a adaptação dos *softwares* de automação de bibliotecas, elaborados nos idiomas português, espanhol e inglês, continha 16 questões, dessas 3 abertas e as restantes fechadas. (Apêndice B) Os dados obtidos (Apêndice C) foram tratados utilizando planilha eletrônica e o recurso de tabela dinâmica, para levantar as totalizações e percentuais. Por fim, foi utilizado o Teste Exato de Fisher para identificar associações entre as respostas. Embora não se informe o resultado do teste no corpo do artigo, por questões de apresentação, eles são apresentados no apêndice D. Independentemente desse detalhamento, o leitor pode assumir que ao ser afirmado a existência de associação, o teste implementado resultou em um valor inferior à 0,05, descartando-se a hipótese nula de associação entre as variáveis.

4 Análise dos Resultados

A coleta de dados sobre a capacitação dos docentes das disciplinas de catalogação dos cursos de biblioteconomia contou com a participação de 34 professores, dentre 72 docentes identificados nas IES brasileiras. Embora quase metade do universo tenha respondido, tanto o quantitativo como a não aleatoriedade dos respondentes implicam que esta pesquisa deva ser encarada como exploratória, com amostra por conveniência, não podendo ter seus resultados generalizados para o universo de professores.

Dos respondentes, 79,41% (27) são professores de universidades públicas federais, 14,7% (2) são docentes de universidades públicas estaduais e os demais 11,76% (5) são de IES particulares. Quanto à área de formação dos docentes, 100% são bibliotecários, sendo que a maioria, 70,58% (23) possui doutorado, 17,64% (7) possuem mestrado e 11,76% (4) possuem Pós-Graduação. Ainda sobre a formação, 8,82% (3) detalharam sua formação complementar, como Pós-

Graduação em Análise de Sistema, Licenciatura em Letras e um dos docentes possui MBA em Bens Culturais, Economia e Gestão, Mestrado em Ciência da Informação, além de ser doutoranda em Ciência das Informação.

Os docentes em sua totalidade afirmaram possuir algum conhecimento sobre a RDA, sendo que destes 85,29% (29) relatam ter adquirido conhecimento sobre a temática através de leituras, 76,47% (26) participaram de palestras sobre RDA, 47,05% (16) participaram dos I e II Encontro de RDA no Brasil, 26,47% (9) fazem parte de grupos de pesquisa e 17,64% (6) obtiveram contato e ampliaram os seus conhecimentos a partir de capacitações institucionais. Adicionalmente, 14,7% (5) dos docentes relatam que já ministraram cursos sobre a catalogação em RDA, compartilhando seus conhecimentos com bibliotecários e demais docentes.

Observando os relatos dos docentes, vemos uma associação entre a leitura de artigos sobre a temática e a participação em palestras e Encontros de RDA no Brasil, já que todos os docentes que participaram de palestras sobre a temática também leram artigos científicos sobre a nova diretriz, o que não se aplica quanto as capacitações, as quais foram oferecidas dentro das instituições. Contudo, é possível perceber que dos 26,47% (9) docentes que participam dos grupos de estudos sobre a temática, somente 5,88% (2) afirmam que demandam, pelo menos, mais 1 ano para que se sintam preparados.

Neste mesmo sentido, 16 dos 17 docentes que participaram do I e/ou II Encontro de RDA no Brasil afirmam que se sentem preparados para ministrar aulas sobre a RDA nas disciplinas de catalogação, mostrando a importância deste tipo de evento para o avanço da RDA, tanto no ensino/aprendizagem, como para a capacitação dos bibliotecários para o uso da nova diretriz. Quanto às dificuldades encontradas nas capacitações, 35,29% (12) dos docentes afirmaram que a capacitação foi um processo difícil ou muito difícil, já para 20,58% (7) o processo de aprendizagem, a partir das capacitações, foi fácil. Também é importante destacar que 17,64% (6) dos docentes consideraram as capacitações ineficientes, contra 20,58% (7) que discordam desta afirmação.

Ainda sobre as dificuldades encontradas, 17,64% (6) dos docentes afirmam que faltou apoio da instituição onde trabalham, contra 14,7% (5) que receberam apoio da IES. Além disso, para 20,58% (7) docentes faltou tempo para qualificarem-se, enquanto 17,64% (6) docentes declaram que o fator tempo não foi um problema para realizar capacitações.

Quanto a ineficiência dos cursos, para 8,82% (3) dos docentes a curta carga horária impossibilita que as questões mais complexas sobre a RDA sejam abordadas, já um dos docentes (2,94%) afirmou que o curso foi muito básico. Neste contexto, cogita-se que a falta de tempo foi o principal motivo para este problema. Ainda sobre a questão da ineficiência dos

cursos, 5,88% (2) dos docentes relatam que os ministrantes não dominavam a temática e que as dúvidas não foram sanadas durante os cursos. Um dos relatos reflete grande parte das observações feitas sobre as capacitações realizadas:

É difícil visualizar como tudo isso se dará na prática, pois já temos bastante teoria. Surgem muitas dúvidas: como isso chegará efetivamente aos bibliotecários? Como nos preparar verdadeiramente para a aplicação prática? Os cursos e *lives* tentam demonstrar um pouco como funciona, mas realmente acho que nós professores precisamos de uma capacitação mais profunda. Um evento, um curso somente para professores, uma demonstração dentro dos *softwares* de bibliotecas, enfim, me sinto meio angustiada com essa falta de qualificação. Me sinto capacitada teoricamente, mas na prática não, mas percebo pelos eventos que é uma angústia generalizada (Dados da pesquisa, 2022).

Neste sentido, 26,47% (9) dos docentes acreditam que as capacitações não possibilitaram desenvolver habilidades ou ampliar seu conhecimento para poder ministrar aulas práticas, 17,64% (6) dos docentes escolheram a opção não se aplica, o que leva a crer que estes não realizaram nenhuma capacitação. Por outro lado, 52,94% (18) dos docentes afirmam que as capacitações foram efetivas, possibilitando desenvolver habilidades e ampliar seu conhecimento sobre a nova diretriz.

Estes dados mostram que existem cursos e demais formas de capacitação que possibilitam o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, contudo, parte dos programas desses cursos e o preparo dos ministrantes, precisa ser revisto para poder oferecer conteúdo que atenda as demandas e que consiga abranger questões complexas. Segundo alguns relatos, há a necessidade de oferecer atividade prática, saindo do abstrato/teórico para a materialização da catalogação em RDA.

Quando perguntado quanto tempo ainda seria necessário para que os docentes se sintam capacitados, somente 2,94% (1) dos docentes não pretende se capacitar para o ensino da RDA. Dos demais, 44,11% (15) dos docentes acreditam que a capacitação para o ensino da RDA levará ainda 1 ano, enquanto o restante, 11,76% (4), estimam que levará ainda 2 anos para se prepararem para ministrar aulas sobre a diretriz.

Fica evidente que um dos pontos cruciais para o avanço da RDA está na capacitação dos docentes, haja vista que a disseminação da nova diretriz está relacionada com o preparo de pessoal para a catalogação em RDA. Sendo assim, essa é uma questão que precisa de atenção, já que mais de 50% dos docentes não se sentem capacitados para a missão de preparar novos bibliotecários para o novo cenário da catalogação.

Quanto ao ensino da RDA nas instituições de ensino superior, 61,76% (21) dos docentes afirmaram que o curso de Biblioteconomia já incluiu o ensino da RDA, enquanto, 35,29% (13) instituições ainda não incluíram o ensino da nova diretriz nos seus planos de ensino.

Quando perguntado sobre a criação de metodologias ou a aplicação de ferramentas didáticas, 70,58% (24) dos docentes não desenvolveu ou não utiliza recursos didáticos para o ensino da RDA, enquanto 29,41% (10) dos docentes desenvolveu metodologias e/ou utiliza recursos diversos para o ensino da nova diretriz.

Quanto às metodologias e recursos práticos citados estão aulas expositivas/teóricas, abordando a nova diretriz e modelos conceituais, por exemplo, uso de planilhas de simulação dos campos da RDA, mapas mentais, fichamentos, *softwares* de automação diversos, entre os quais está o RIMMF, uso do RDA *Toolkit*, uso de literatura adequada, como por exemplo *The RDA workbook: learning the basics of Resource Description and Access* da autora Margaret Mering, e de artigos científicos. Destas metodologias e demais recursos citados, os mais frequentes são as planilhas de simulação, mencionadas por 14,7% (5) dos docentes, além de aulas expositivas/teóricas, utilizadas por 26,47% (9) dos docentes.

Relatos da demanda por traduções de conteúdo científico/didático para auxiliar no processo de aprendizagem e da falta de recursos didáticos para o ensino prático da catalogação da nova diretriz, mostram que é necessário que novos esforços sejam feitos para poder preparar catalogadores e futuros bibliotecários para este novo cenário.

Uma visão geral das questões envolvendo a capacitação dos docentes, abordadas até aqui, são ilustradas na Figura 1 (ver Figura 1).

Figura 1: Resumo dos resultados obtidos sobre a capacitação dos docentes



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Outra parte da pesquisa abrangeu o envio de questionário aos desenvolvedores de *softwares* de automação de bibliotecas, no intuito de averiguar se já existem *softwares* preparados para a catalogação em RDA ou se as empresas desenvolvedoras estão adaptando e/ou desenvolvendo novos *softwares* para a catalogação na nova diretriz.

Todas as empresas identificadas, num total de 56 empresas, desenvolvedoras dos 74 *softwares* mapeados, foram convidadas a participar da pesquisa, sendo que destas, 13 aceitaram fazer parte deste processo investigativo. Os respondentes são desenvolvedores e/ou gestores das empresas advindas de 3 diferentes continentes. Quanto à distribuição geográfica destes participantes, 7,69% (1) dos respondentes é da Europa, 38,46% (5) são dos Estados Unidos da América e 53,84% (7) dos respondentes são do Brasil. Dentre os 13 participantes, somente uma das empresas não oferta seus serviços no Brasil.

Dos 13 respondentes, 76,92% (10) deles já estão familiarizados ou conhecem plenamente a RDA, mostrando que os desenvolvedores e gestores já estão cientes da necessidade de oferecer recursos para a catalogação na nova diretriz.

Quanto a catalogação, 76,92% (8) dos *softwares* já estão adaptados ou foram criados para a catalogação em RDA. Entretanto, 30,76% (4) das empresas que ainda não adaptaram ou desenvolveram seus *softwares* para RDA, afirmam que pretendem fazê-lo e 23,07% (3) empresas pretendem oferecer novos *softwares*. Ademais, 69,23% (9) deles oferecem o formato híbrido, o que amplia as possibilidades de atendimento de diferentes públicos e da realidade diversa de ambientes informacionais.

Contudo, um único desenvolvedor informou que ainda está em fase de análise para avaliar se oferecerá recurso para a nova diretriz. Da mesma forma, 7,69% (1) respondente afirma não ter interesse em adaptar ou desenvolver um novo *software* para a catalogação em RDA.

Quanto à fase em que a empresa está no processo de oferta de um novo produto para a catalogação em RDA, 69,23% (9) dos respondentes afirmam que já estão na fase de lançamento e 15,38% (2) lançarão o recurso até o final de 2022. No que tange às características comerciais, 69,23% (9) *softwares* são proprietários e/ou comerciais, contudo, dos 84,61% (11) *softwares* que estão sendo lançados ou serão lançados ainda em 2022, 15,38% (2) deles serão *open source* e gratuitos, o que democratiza o acesso à RDA, ampliando o público que pode se beneficiar e implantar a RDA nos seus ambientes informacionais.

A Figura 2 ilustra a distribuição de algumas informações prestadas pelos desenvolvedores.

Figura 2: Resumo dos resultados obtidos sobre *softwares* para catalogação em RDA



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Por fim, 8 respondentes informaram oferecer capacitação para os usuários, o que favorece os “clientes” e impulsiona a disseminação da nova diretriz. Além disso, uma delas oferece a capacitação para demais interessados, independentemente de ser cliente ou não, democratizando o acesso à nova diretriz.

5 Conclusão

Os dados obtidos apontam para um cenário positivo, apesar de termos ainda uma longa caminhada na produção de conteúdo científico, de traduções de publicações e demais recursos para capacitações. Da mesma forma, demanda produção de recursos didáticos, em português, para o ensino/aprendizagem da RDA. Quanto ao preparo dos docentes, a pesquisa mostra que já temos um número considerável de profissionais capacitados a ministrar aulas na nova diretriz, apontando para um cenário promissor.

Pôde-se observar que, embora sejam usados recursos como planilhas, quadros e tabelas que simulem a catalogação em RDA, ainda não existe um *software*, em português, para o ensino da nova diretriz, que possibilite a prática, simulando o exercício real da catalogação.

Evidencia-se que os ministrantes de oficinas e cursos precisam estar preparados para poderem responder a questões complexas, já que estas serão frequentes, dadas as peculiaridades da RDA.

Outrossim, é preciso exercício constante e uma nova mentalidade, pois, como diz a professora Chris Oliver (2021), “[...] para catalogar em RDA é preciso deixar de lado as comparações

[...]” (74 min), já que, além das relações que devem ser estabelecidas, a RDA demanda uma catalogação voltada ao usuário.

Neste sentido, o catalogador não pode se prender às mesmas regras e normas impostas pelo AACR. O docente precisa estar preparado para transcender aos conceitos e práticas estabelecidas pela antiga norma, a fim de conduzir seus alunos neste novo caminho.

Quanto ao preparo dos *softwares* de automação de bibliotecas para a catalogação na nova diretriz, ficou evidente a preocupação da maioria das empresas em oferecer pelo menos um recurso adaptado ou desenvolvido especialmente para a catalogação em RDA.

A oferta de *softwares* gratuitos e *open source* delineiam um cenário otimista, pois possibilitam o movimento de popularização da catalogação em RDA, abrindo portas para incluir instituições que não teriam condições de investir na compra de um *software* de automação de bibliotecas pago, assim sendo, viabiliza que tais instituições possam participar do processo de implantação da RDA. Neste mesmo sentido, a oferta de capacitações para os clientes e demais interessados aponta para a inclusão democrática destes diferentes ambientes informacionais, representando um grande passo para a disseminação da nova diretriz.

Referências

Arakaki, F.A., Simionato, A.C. & Santos, P.L.V.A. (2017). Catalogação e tecnologia:

interseções com a *Web Semântica*. *Informação@ Profissões*, 6 (2). (pp. 3-19). DOI: <https://doi.org/10.5433/2317-4390.2017v6n2p03>.

Arroyo, C.S., Merlo, E.M. & Simões, A.X. (2022). A economia do *Software* de fonte aberta:

razões que levam os desenvolvedores de *Software* a participar das comunidades de fonte aberta. *Revista de Administração Mackenzie*, 5. (pp. 123-143). DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-69712004/administracao.v5n1p124-143>.

Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e

Instituições. (2020). Mapeamento do ensino de catalogação no Brasil: relatório 2020.

En Grupo de Trabalho em Catalogação (FEBAB). Recuperado de:

<http://repositorio.febab.org.br/items/show/6129>.

- Morris, S.R. & Wiggins, B. (2016). Implementing RDA at the Library of Congress. EUM-Edizioni Università di Macerata. (pp. 199-228). Recuperado de:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5632166.pdf>.
- Mostafá, S.P., Santarém Segundo, J. E. & Sabbag, D.M.A. (2016). Descrição bibliográfica na era da *Web Semântica*: por uma nova noção de documento. *Informação & Sociedade*, 26 (2). Recuperado de:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/29354>.
- Oliver, C.. (2021). RDA para agora e para o futuro, com Chris Oliver. En FEBAB. *II Encontro de RDA no Brasil*. 103 min. Recuperado de:
https://www.youtube.com/watch?v=q8XP2FKTq5U&list=PLruKDXkjaii2QJ5PGKh_dn7D0KsnpoTz2.
- Ortega, C.D. (2004). Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. *DataGramaZero*. 5 (5). Recuperado de:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5664>.
- Rodrigues, A.M.M., & Prudêncio, R.B.C. (2009). Automação: a inserção da biblioteca na tecnologia da informação. *Biblionline*, 5 (2). Recuperado de:
https://brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf_f62112ca5a_0013243.pdf.
- Serra, L.G.A. (2020). Implantação do RDA na University of Illinois at Urbana-Champaign. En A. M. Pereira, F. S. Assumpcion & M. F. Votto (Cords). Encontro de RDA no Brasil (pp. 15-19). Florianópolis: *UDESC*. Recuperado de:
<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000087/000087f0.pdf>.
- Snow, K., Hoffman, G.L., McCourry, M. & Sandy, H.M. (2018). Phoenix or Dodo. En J. Percell, L. C. Sarin, P. T. Jaeger, & J. C. Bertot. *Re-envisioning the MLS: Perspectives on the Future of Library and Information Science Education*. Advances in Librarianship, 44B. (pp. 227-239). DOI: <https://doi.org/10.1108/S0065-28302018000044B013>.

Zamite, A.I.S. & Cardoso, A.L.M.S. (2014). Vivências em Sistemas de Automação de Bibliotecas: Biblivre e Sophia. *Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, SNBU*, 18. Recuperado de: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/182-2404.pdf>.

Apêndice A - Formulário para o docente

| |
|--|
| 1) Indique a sua Instituição? |
| 2) Indique o estado onde ela está localizada? |
| 3) A instituição é uma: (SOMENTE marcar mais de uma opção se você atua em mais de uma instituição) [Federal/Estadual/Particular] |
| 4) Qual é a sua formação? |
| 5) Se a sua formação não é em Biblioteconomia ou se você tem alguma formação complementar, responda qual é a sua formação. |
| 6) Qual é o seu nível de formação? [Graduação/Mestrado/Especilização/Doutorado/Pós-Doutorado] |
| 7) Qual é o seu grau de conhecimento sobre a RDA [lista de opções pré-formatadas] |
| 8) Caso você tenha participado de alguma capacitação, como foi o processo dessa formação para o ensino da catalogação em RDA? [Fácil adaptação/Processo muito difícil/Cursos ineficientes que não atendem às demandas/Falta de apoio da administração/Falta de tempo para capacitação] |
| 9) Houveram outras dificuldades no processo de capacitação? Cite aqui. (opcional) |
| 10) Você acredita que a sua participação em evento(s) e capacitação(ões) possibilitou o desenvolvimento de habilidades para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, sendo suficientes para ministrar aulas de catalogação em RDA? |
| 11) Caso não se sinta ainda capacitado(a) para ministrar aulas sobre catalogação utilizando a nova diretriz, quanto tempo você acredita que levará para se preparar? |
| 12) O curso em que você atua como docente já incluiu o ensino da RDA na disciplina de catalogação? |
| 13) Você desenvolveu alguma metodologia ou utiliza algum aplicativo para o ensino da RDA? |
| 14) Você pode citar qual técnica e/ou aplicativo de ensino você recomendaria? |
| 15) Qual é a sua expectativa sobre a RDA quanto a viabilidade de implantação nas diferentes instituições brasileiras? |

Fonte: Dados da Pesquisa, (2021)

A planilha com as respostas a esse questionário está no Apêndice C.

Apêndice B - Formulário para empresa

| |
|--|
| 1) Qual é o nome do software? (caso a sua empresa tenha mais de um software de automação de bibliotecas, pedimos que responda um questionário para cada um deles) |
| 2) Indique qual é a instituição ou empresa que detém os direitos sobre o software? |
| 3) Indique em que país e estado a instituição ou empresa está sediada? |
| 4) A empresa ou instituição oferece seus serviços no Brasil? |
| 5) Quanto ao formato de intercâmbio de registros bibliográficos, o software tem compatibilidade com: |
| 6) Quais módulos (recursos) o software oferece? [Controle de aquisição / circulação / relatório e estatísticas / recuperação dos registros / visualização (OPAC) / outros] |
| 7) Seu software é: [Gratuito / Comercial / Software livre / Proprietário / Software de aplicação web / Software para desktop] |
| 8) Ainda sobre a questão anterior, se o seu software é open source, ele permite: |
| 9) O software é compatível com quais sistemas operacionais? |
| 10) Você conhece a nova diretriz de catalogação Resource Description and Access (RDA)? |
| 11) O software está adaptado para catalogar em formato: [ACR2 / RDA / Híbrida] |
| 12) Se o software não está adaptado para a RDA, a empresa ou instituição tem interesse em realizar esta adaptação? |
| 13) A empresa pretende oferecer outro software para a catalogação em RDA? |
| 14) Se a empresa pretende oferecer alterações ou um novo software adaptado à catalogação em RDA, qual é o prazo estimado para isso? |
| 15) Se a empresa ou instituição pretende oferecer o software para catalogação em RDA, ele será: [Gratuito / Comercial / Software livre / Proprietário / Software de aplicação web / Software para desktop] |
| 16) A empresa ou instituição pretende oferecer capacitação para os usuários? |

Fonte: Dados da Pesquisa, (2021)

As respostas a essas perguntas estão explicitadas no texto, não sendo disponibilizada a base de respostas para não identificar os respondentes.

Apêndice C - Base com as respostas dos docentes

| Resp | INSTITU | ESTAD | Federal | NIVEL | DOUTOR | ARTIGOS | PALESTR | ENCONTR | GRUPO P | CAP. INST | NENHUM | MINISTRA | FACIL | DIFICIL | INSUFICIE | FALTA AF | FALTA TE | Cap. Form | 9) Houveram ou | Categorizada (9) | 10) Você (Sim | 11) Caso | 1 ano+ | 12) O curs | Disc. RDA | 13) Você (| Met/App e | | |
|------|---------|-------|---------|------------|--------|---------|---------|---------|---------|-----------|--------|----------|-------|---------|-----------|----------|----------|-----------|-------------------------------------|---------------------|---------------|------------|--------|------------|-----------|------------|-----------|-----|---|
| r1 | u5 | e13 | 0 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Sim | 1 | 0 | Não | 0 | Não | 0 | | |
| r2 | u21 | e6 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | Ainda considero | capacitação inadequ | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Sim | 1 | |
| r3 | u10 | e7 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | não | Não | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Sim | 1 | |
| r4 | u29 | e12 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | | | | | | | Não | Sim | 1 | 1 ano | 1 | Sim | 1 | Sim | 1 | |
| r5 | u1 | e15 | 0 | Mestrado | 0 | 1 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Sim | 1 | |
| r6 | u8 | e10 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Sim | 1 | |
| r7 | u9 | e6 | 1 | Mestrado | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r8 | u24 | e5 | 1 | ps Doutora | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | | Não | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r9 | u16 | e4 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Sim | 1 | |
| r10 | u15 | e15 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | | | Não | Sim | 1 | 1 ano | 1 | Não | 0 | Sim | 1 | |
| r11 | u4 | e15 | 0 | Mestrado | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 | | Não | Sim | 1 | 1 ano | 1 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r12 | u13 | e10 | 1 | Mestrado | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | 1 | | | | Tempo muito curta | capacitação inadequ | Não | 0 | 1 ano | 1 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r13 | u3 | e10 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Não | 0 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r14 | u2 | e9 | 0 | Mestrado | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Não se aplica | 0 | 1 ano | 1 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r15 | u22 | e13 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Não | 0 | 1 ano | 1 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r16 | u25 | e10 | 1 | Doutorado | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | Há muitas dúvidas | capacitação inadequ | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r17 | u26 | e10 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Sim | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r18 | u22 | e13 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 1 | | Não | Não | 0 | 2 anos | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r19 | u7 | e3 | 1 | Doutorado | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | Pouco tempo de | capacitação inadequ | Não | 0 | 1 ano | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r20 | u20 | e1 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Não | 0 | 1 ano | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r21 | u15 | e15 | 1 | ps Doutora | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Sim | 1 | 1 ano | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r22 | u28 | e12 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | | Não | Não | 0 | 2 anos | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r23 | u12 | e12 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | | 0 | | | Não | Sim | 1 | 1 ano | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r24 | u11 | e8 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Não se aplica | 0 | 1 ano | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r25 | u17 | e9 | 0 | ps Doutora | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não | Não | 0 | 2 anos | 1 | Não | 0 | Não | 0 | |
| r26 | u18 | e2 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | 1 | | | | Sim | 1 | 0 | 0 | 0 | Sim | 1 | Sim | 1 | |
| r27 | u27 | e12 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | | A capacitação ocorreu com a RC | Sim | 1 | 2 anos | 1 | 0 | 0 | Sim | 0 | Não | 0 |
| r28 | u14 | e11 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não se aplica | 0 | 1 ano | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 |
| r29 | u6 | e3 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Sim | 1 | 0 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 | |
| r30 | u19 | e8 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | 1 | | Excesso de trabalho da área adm | Não se aplica | 0 | 1 ano | 1 | 0 | 0 | Sim | 0 | Não | 0 |
| r31 | u30 | e10 | 0 | Mestrado | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não se aplica | 0 | 1 ano | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 |
| r32 | u23 | e14 | 1 | Doutorado | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | 1 | 0 | 1 | | É difícil visualizar como tudo isso | Não | 0 | 1 ano | 1 | 0 | 0 | Sim | 1 | Sim | 1 |
| r33 | u14 | e11 | 1 | ps Doutora | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | | Não se aplica | 0 | tende se c | 0 | 0 | 0 | Sim | 1 | Não | 0 |
| r34 | u31 | e13 | 0 | Mestrado | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | Sim | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | Não | 0 | Não | 0 |

Fonte: Dados da Pesquisa, (2021)

* os dados com potencial de identificar a fonte foram codificados ou excluídos.

Apêndice D - Associação entre variáveis (Teste exato de Fisher - 1ª iteração)

| Artigos x Palestras | | | |
|---------------------------------|----------|--|-------------|
| Observado | Não | Sim | Total Geral |
| Não | 4 | | 4 |
| Sim | 3 | 27 | 30 |
| Total Geral | 7 | 27 | 34 |
| FISHER 1a= | 0,000755 | ---> rejeitou a hipótese nula | |
| Gr.Pesq x 1 ano+ | | | |
| Observado | Não | Sim | Total Geral |
| Não | 7 | 17 | 24 |
| Sim | 8 | 2 | 10 |
| Total Geral | 15 | 19 | 34 |
| FISHER 1a= | 0,008392 | ---> rejeitou a hipótese nula | |
| Encontros x Prep para aula | | | |
| Observado | Não | Sim | Total Geral |
| Não | 6 | 5 | 11 |
| Sim | 3 | 14 | 17 |
| Total Geral | 9 | 19 | 28 |
| FISHER 1a= | 0,045485 | ---> rejeitou a hipótese nula | |
| Fácil x Faltou tempo | | | |
| Observado | Não | Sim | Total Geral |
| Não | 0 | 4 | 4 |
| Sim | 7 | 2 | 9 |
| Total Geral | 7 | 6 | 13 |
| FISHER 1a= | 0,020979 | ---> confirmou a hipótese nula (ao menos na 1a iteração) | |
| Disc. RDA x vai precisar 1 ano+ | | | |
| Observado | Não | Sim | Total Geral |
| Não | 2 | 11 | 13 |
| Sim | 13 | 8 | 21 |
| Total Geral | 15 | 19 | 34 |
| FISHER = | 0,008552 | ---> rejeitou a hipótese nula | |

Maiores informações sobre o Teste Exato de Fisher podem ser encontradas na publicação indicada a baixo:

Silveira, Luhilda Ribeiro & Ardigo, Julibio David. (2016). Da trajetória dos periódicos à implementação de indicadores de qualidade: análise das publicações periódicas científicas brasileiras das áreas de Ciência da Informação e Biblioteconomia. (pp. 589-606). Florianópolis: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 21(3). Recuperado de: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/75181>.